

Ansiedade e Desempenho acadêmico: um estudo com alunos de Ciências Contábeis

Clara Figueira dos Reis – clarafreis@live.com

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Gilberto José Miranda – gilbertojm1@gmail.com

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Área temática: Gestão na Educação

Resumo

O presente estudo analisou o fenômeno ansiedade nos estudantes de Ciências Contábeis com o propósito de verificar se a mesma tem influência significativa no desempenho acadêmico dos alunos. A pesquisa é de caráter descritivo, com uma abordagem quantitativa, utilizando-se do questionário IDATE (Inventário de Ansiedade Traço-Estado), que já foi testado, validado e traduzido por Biaggio (1998), para levantamento dos dados. A amostra foi composta por 205 estudantes, do turno noturno, cursando entre o 2º e o 10º período do curso de Ciências Contábeis de uma universidade pública brasileira. Por meio dos testes “t” de Student e Correlação de Pearson, foi verificado que os estudantes mais ansiosos no cotidiano tendem a ficar mais ansiosos que os demais em momentos de avaliação, as mulheres tendem a apresentar maiores níveis de ansiedade que os homens e alunos dos primeiros períodos do curso também tendem a ter maiores níveis de ansiedade que os veteranos. Foi identificada também uma fraca correlação entre desempenho acadêmico e ansiedade, ou seja, os alunos mais ansiosos tendem a apresentar rendimentos acadêmicos inferiores aos demais. Estes resultados sugerem que as instituições, professores e alunos, ao buscarem formas de diminuir os níveis de ansiedades dos alunos, poderiam elevar os níveis de rendimento acadêmico dos estudantes.

Palavras-chave: Ansiedade. Desempenho Acadêmico. CRA. Ciências Contábeis. IDATE.

1 Introdução

A ansiedade é uma emoção desencadeada perante o medo de situações presentes ou futuras vistas como impertinentes (MELO CRUZ et al., 2010). No decorrer da vida, as pessoas são expostas a muitas destas situações, inclusive durante o período acadêmico, quando passam por muita pressão, especialmente em situações avaliativas, pois supostamente, o futuro profissional depende de um bom desempenho acadêmico.

O desempenho acadêmico está relacionado à capacidade do aluno de manter e reproduzir o que foi aprendido (OLIVEIRA; SANTOS, 2006), portanto, para medir sua performance acadêmica, o aluno deve passar por avaliações nas quais serão detectados os níveis de conhecimento, aprendizado e aproveitamento obtidos.

O curso de Ciências Contábeis possui grande representatividade no Brasil, havendo indícios do surgimento da profissão contábil a partir do século XIX, e desde então a profissão vem crescendo e tendo sua importância cada vez mais reconhecida (PELEIAS; BACCI, 2004). Dados do Censo Nacional da Educação Superior de 2013 revelam que o curso ocupa o quarto lugar no número de matrículas no Brasil (BRASIL, 2013). Para garantir seu espaço no mercado de trabalho, o estudante deve ter um bom desempenho e absorver o máximo de conteúdo possível dentro da universidade.

Nesse contexto, o tema da presente pesquisa é a ansiedade no ambiente de aprendizagem em Ciências Contábeis. Pretende-se responder o seguinte problema de pesquisa: existe relação entre a ansiedade e o desempenho acadêmico?

Pode ser evidenciado como objetivo geral do trabalho verificar se existe relação entre a ansiedade e o desempenho acadêmico no curso de Ciências Contábeis de uma universidade pública brasileira. Para a realização desse propósito, têm-se os seguintes objetivos específicos: a) medir os níveis de ansiedade dos alunos participantes da pesquisa; b) levantar o desempenho acadêmico dos participantes e; c) correlacionar as medidas de desempenho e de ansiedade apuradas.

É de conhecimento comum que a ansiedade é um problema presente em grande parte da população na atualidade, e isso pode causar impactos em vários aspectos de diferentes formas. Pesquisas anteriores, como a de Macher et al. (2011), evidenciam que a ansiedade e o desempenho acadêmico podem estar associados.

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de verificar se a ansiedade e o desempenho acadêmico realmente se relacionam e de que forma isso acontece no curso de Ciências Contábeis, já que são escassos os trabalhos nesse contexto no Brasil.

A pesquisa de perfil do graduando UFU de 2014 constatou que 70% dos estudantes da instituição passaram por dificuldades emocionais nos últimos 12 meses anteriores à pesquisa e, dentre estas dificuldades, a ansiedade foi a que teve maior representatividade, estando presente em 57,1% do total de alunos.

Nesse sentido, torna-se relevante aprofundar os conhecimentos sobre ansiedade no ambiente acadêmico, notadamente as possíveis relações entre ansiedade e desempenho acadêmico, pois ao conhecer mais detidamente o fenômeno, meios de reduzir os impactos negativos poderiam ser evidenciados.

2 Revisão da literatura

Andrade e Gorenstein (1998) definem ansiedade como um estado emocional normal do ser humano, composto por fatores psicológicos e fisiológicos que influenciam no desempenho de suas atividades. Karino (2010) evidencia que a ansiedade é um estado emocional de

inquietação e estresse que desencadeia reações físicas de defesa, na tentativa de impedir uma ameaça.

De acordo com Andrade et al. (1998), os sintomas de ansiedade podem ser detectados em qualquer pessoa em algum momento da vida, e os transtornos de ansiedade estão entre os transtornos psiquiátricos mais frequentes.

O sentimento de ansiedade é muito confundido com medo, porém existe uma diferença entre eles. Embora seja difícil apontar um fator determinante para a diferenciação entre ambos, pode-se considerar o conhecimento sobre a situação em análise para que seja feita a distinção. Segundo Holmes (1997), a nomenclatura “medo” é utilizada quando se trata de algo conhecido e a nomenclatura “ansiedade” quando se trata de algo desconhecido.

De acordo com Serra (1980), a ansiedade, definida pelo dicionário de Cândido Figueiredo como angústia, é uma reação emocional proveniente de um agrupamento de emoções, destacando-se entre elas o medo. As pessoas tendem a se sentirem ansiosas diante das mais variadas situações, como por exemplo, um aluno ao fazer uma prova. Nesse sentido, a ansiedade pode ser um evento normal ou patológico.

A ansiedade é considerada um evento patológico quando sua presença e intensidade não equivalem ao motivo pelo qual foi causada ou até mesmo quando surge sem motivo (AMORIM-GAUDÊNCIO; SIRGO, 1999; ANDRADE; GORENSTEIN, 1998).

De acordo com Karino (2010), a ansiedade tem sido vista como uma reação natural do homem que induz o organismo a se prevenir ou diminuir efeitos de situações consideradas intimidantes. Embora não exista nenhum padrão para classificar a ansiedade como anormal, ela pode ser considerada como tal, quando apresentar fatores como: nível demasiadamente alto, não apresentar justificativas realistas ou quando apresenta consequências negativas, segundo Holmes (1997).

Algumas pesquisas apontam que as pessoas do sexo feminino tendem a se mostrar mais ansiosas do que as do sexo masculino (HOLMES, 1997). Soares e Martins (2010) sugerem que essa diferença pode ser devido às mulheres desempenharem funções diferentes na sociedade (o que gera estressores diferentes), além das diferenças biológicas.

A ansiedade apresenta desvantagens como o estímulo de reações indesejadas, causando dificuldade de concentração, inquietação, dores de cabeça, dores musculares e tonturas (D’AVILLA, 2003; SOARES; MARTINS, 2003). Preocupação, cansar-se facilmente, “brancos”, irritabilidade, tensão muscular e dificuldade para dormir também são sintomas que podem ser associados à ansiedade, segundo Barlow (1999).

Porém, em alguns casos a ansiedade pode ser um fator positivo, pois pode servir como incentivo para esforçar-se mais e, conseqüentemente, atingir melhores resultados (HOLMES, 1997) na escola, por exemplo, uma vez que são detectados níveis de ansiedade quando um indivíduo é exposto a condições que envolvem problemas ou contextos avaliativos (MARCHER et al., 2011).

De acordo com Brown et al. (2014), a autoeficácia e a expectativa de resultados são fatores influentes nos níveis de ansiedade, portanto, pessoas com maiores níveis de auto eficácia e maiores expectativas de resultados demonstram-se menos ansiosas. Melo Cruz et al. (2010) concordam que a auto eficácia se relaciona negativamente com os níveis de ansiedade e comprovam ainda que outro fator que se relaciona negativamente com a ansiedade é o modo como o indivíduo se vê, ou seja, quanto melhor o autoconceito, menor a ansiedade.

Devido aos contextos avaliativos serem considerados fatores geradores de estresse, pesquisas são feitas desde as décadas de 1960 e 70, a fim de detectar as contrariedades resultantes desta

condição e entender a formação da ansiedade em testes e compor meios para sua análise (KARINO, 2010).

Os principais testes usados para medir a ansiedade são o de ansiedade-traço e ansiedade-estado, e faz-se importante ressaltar a diferença entre eles. A ansiedade-traço pode ser notada em um indivíduo que já apresenta a disposição comportamental de ser ansioso e este sentimento permanece reprimido até que surja uma ocasião que o acione. Ou seja, esse tipo de ansiedade muda com menos frequência. Já a ansiedade-estado é uma emoção passageira, desencadeada por algum acontecimento específico, sendo conscientemente percebida e causando sentimentos aborrecedores. Em outras palavras, é um estado emocional momentâneo, que aumenta a atividade do sistema nervoso quando surgem situações conflituosas (ANDRADE; GORENSTEIN, 1998).

De acordo com Munhoz (2004), no Brasil, o desempenho acadêmico é comumente relacionado ao rendimento acadêmico, porém são coisas diferentes, já que o desempenho é a maneira como alguém se comporta quando submetido a uma avaliação em relação à competência, enquanto o rendimento é resultado desse desempenho em forma avaliativa (números ou conceitos).

Para Marcher et al. (2011), a ansiedade é uma forte característica que interfere negativamente no desempenho de exames e no aprendizado. Oliveira e Duarte (2004) explicam que a alta expectativa de desempenho se deve às pressões do meio externo, que sugerem que só é aceito socialmente o indivíduo que tem sucesso, e que este só é alcançado quando se tem um desempenho excepcional, caso contrário é dado como “fracassado”. Logo, surge uma pressão que pode desencadear sentimentos de ansiedade.

Em situações examinadoras, indivíduos ansiosos se distraem ou até mesmo ficam incapazes de restringir as opções disponíveis, o que permite que surjam pensamentos que atrapalham seus resultados, conforme explicam Marcher et al. (2011). Este fato evidencia a relação negativa entre ansiedade-traço e desempenho acadêmico.

Costa e Boruchovith (2004) entendem que o motivo de alunos muito ansiosos falharem em avaliações seja que a concentração fica dividida entre o sentimento de falta de capacidade e as exigências da tarefa a ser realizada, o que atrapalha a concentração e, conseqüentemente, o desempenho. Ou seja, ainda que exista o conhecimento, a capacidade de demonstrá-lo é afetada.

Os estudantes com maior nível de ansiedade também apresentam maiores índices de procrastinação, de acordo com estudos realizados por Marcher et al. (2011). Ou seja, o fato de dedicarem menos esforços e tempo ao processo de aprendizagem está indiretamente associado às estatísticas de ansiedade.

Os estudos realizados por Melo Cruz et al. (2010) encontram evidências de que as situações de avaliação oral aumentam a ansiedade dos alunos, enquanto as situações de realização de trabalhos em grupo não interferem no estado emocional.

Oliveira e Duarte (2004) constaram que, sob circunstâncias de exposição oral, os alunos muito ansiosos apresentam-se tentados a tentar esquivar da situação, além de reações físicas tais como: taquicardia, tremores, transpiração excessiva, dentre outros. Estes fatos podem vir a afetar o desempenho acadêmico dos estudantes, seja por não realizarem a tarefa e se esquivarem, seja pela dificuldade de concentração na tarefa.

O trabalho de Costa e Boruchovitch (2004) aponta que a adoção de estratégias de aprendizagem pode ser um possível meio de reduzir a ansiedade em relação ao desempenho acadêmico. Os alunos que apresentam bons costumes em relação aos estudos e sabem se

preparar melhor para as avaliações conseguem controlar melhor a ansiedade. Ainda segundo as autoras, o professor também tem um papel importante no controle de ansiedade dos alunos e devem estar preparados para prevenir e saber lidar com essa situação.

Diante desse quadro, fica evidente a importância de avaliar possíveis relações existentes em contextos de aprendizagem específicos, como o curso de Ciências Contábeis no Brasil, uma vez que são escassas as pesquisas sobre o tema.

3 Aspectos metodológicos

No que diz respeito ao objetivo, a pesquisa é descritiva, visando identificar o perfil dos respondentes, seus níveis de ansiedade e a relação entre a ansiedade e o desempenho acadêmico dentro da população dos alunos de Ciências Contábeis de uma universidade pública brasileira (GIL, 2002). Em relação à abordagem do problema, foi usada uma abordagem quantitativa, que é a apropriada para fornecer dados confiáveis e precisos, possibilitando uma análise dos mesmos para chegar aos resultados (MORESI, 2003).

Quanto aos procedimentos técnicos, inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica para dar embasamento ao tema escolhido. Em seguida, foi realizado um levantamento, sendo que foi aplicado um questionário para a amostra escolhida e, assim, foram obtidas conclusões provenientes da análise dos dados apurados (GIL, 2002).

Já em relação aos procedimentos técnicos da coleta de dados, foi utilizado o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE), desenvolvido por Spielberger (1983), o qual foi traduzido e validado para o português por Biaggio (1998). O questionário possibilita avaliar duas escalas diferentes de ansiedade (ansiedade-traço e ansiedade-estado), por meio de 20 afirmações para que os participantes assinalem, para ansiedade-traço, como geralmente se sentem e, para ansiedade-estado, como se sentem em relação a uma situação avaliativa específica (BIAGGIO; NATALÍCIO; SPIELBERGER, 1977).

O questionário foi aplicado aos alunos de Ciências Contábeis do 2º ao 10º período, do turno noturno de uma IES pública brasileira nos dias 28/10 a 16/11/2015. Para a aplicação do questionário, foi solicitada a autorização aos professores e explicado aos respondentes que não existem respostas certas ou erradas. O questionário deveria ser respondido da forma mais espontânea possível, evitando pensar muito antes de responder.

O questionário estava composto por um bloco de questões que caracterizavam os respondentes (sexo, período, idade, se possui atividade remunerada e número de matrícula); um segundo bloco com as questões relativas à ansiedade traço e um terceiro com as questões relativas à ansiedade estado. Além disso, foi pedido aos alunos participantes que autorizassem o acesso aos seus Coeficientes de Rendimento Acadêmico (CRA) para serem usados como medida de desempenho.

Para a interpretação do questionário, foram consideradas as pontuações correspondentes às respostas assinaladas pelos alunos, porém para todas as afirmações de caráter positivo, como no item 1 do IDATE – Estado: sinto-me bem, foi considerado o valor inverso ao assinalado. Logo, se para estas perguntas o aluno assinalou 4, foi atribuído valor 1, se assinalou 2, foi atribuído valor 3 e, assim, respectivamente. As afirmações de caráter positivo para o IDATE – Estado são: 1, 2, 5, 8, 10, 11, 15, 16, 19, 20 e para o IDATE – traço são: 1, 6, 7, 10, 13, 16, 19 (KAIPPER, 2008).

Como o nível de ansiedade pode oscilar de acordo com cada indivíduo, o questionário não possui uma nota de corte para afirmar que, a partir de determinado valor, o aluno é considerado ansioso. Sendo assim, foi comparado apenas se o nível de ansiedade se correlaciona com o valor do CRA dos participantes.

Para a análise dos dados foi utilizado, primeiramente, o teste de Kolmogorov-Smirnov para verificar se a distribuição dos dados era normal. Confirmada a normalidade, foi utilizado o teste “t” de Student para testar a correlação dos dados.

4 Resultados

O questionário foi respondido por 223 alunos, porém 17 foram descartados por causa de problemas com autorização de utilização e/ou ausência de dados, portanto a amostra válida da pesquisa é de 205 estudantes.

Pode-se verificar inicialmente que 55,1% dos participantes da pesquisa são do sexo feminino e 44,9% do sexo masculino. Em relação à idade dos alunos, quase metade (49,8%) têm entre 20 e 25 anos, apenas 1 tem menos de 17 anos, 24,9% têm de 17 a 20 anos de idade e 24,4% têm mais de 25 anos. A maior parte dos respondentes não se dedica exclusivamente aos estudos, pois 79,5% trabalham e 4,4% participam de alguma atividade acadêmica, como o Programa de Ensino Tutorial (PET), Iniciação Científica (IC), Monitoria ou Empresa Jr.

A média do CRA de todos os alunos que responderam a pesquisa é de 69,5 em uma escala de zero a cem pontos, sendo o CRA mínimo de 7,1 e o máximo de 92,7. No que se refere ao estágio do curso, não houve muita discrepância no número de respostas entre os períodos pesquisados, porém a maior parte (16,6%) se encontra no 8º período do curso, enquanto o terceiro período foi o que apresentou o menor percentual (6,8%). É importante destacar que os alunos do primeiro período não participaram da pesquisa porque não possuem CRA ainda.

A Tabela 1 apresenta estatísticas descritivas relativas ao CRA, IDATE-Estado e IDATE-Traço.

Tabela 1 – Valores Médios de Ansiedade e Rendimento

Itens	N	Mínimo	Maximo	Média	Desvio Padrão
CRA	205	7,10	92,68	69,502	12,493
IDATE-Estado	205	26	76	50,79	8,827
IDATE-Traço	205	22	78	41,70	9,800

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com a Tabela 1, o CRA médio dos alunos investigados é de aproximadamente 70% da nota. Já o nível médio de ansiedade identificado no IDATE – Estado (no momento de uma avaliação) foi de 50,79, sendo o menor nível identificado igual a 26 e o maior 76. Para o IDATE – Traço (como os alunos geralmente se sentem) foi identificado o valor médio de 41,70, sendo o mínimo 22 e o máximo 78.

Após identificar o perfil do respondente, foi utilizado o teste de Kolmogorov-Smirnov. Por meio do referido teste foi possível constatar que a amostra possui distribuição normal, sendo assim, as comparações de dados puderam ser feitas por meio de testes paramétricos.

Assim, ainda com base nos dados expressos na Tabela 1, o teste “t” de Student revelou que as diferenças de médias entre o IDATE-Estado e o IDATE-Traço são significativamente distintas (sig. = 0,000). Em outras palavras, no momento das avaliações, o nível de ansiedade médio é superior ao nível de outras situações, conforme haviam mencionado os autores Macher et al. (2011) e Karino (2010).

A Tabela 2 apresenta o teste de correlação de Pearson para as variáveis em estudo.

Tabela 2 – Teste de Correlação de Pearson

Variáveis	CRA	Idate Estado	Idate Traço	Período	Sexo	Idade	Trabalho	Ativ. Acadêmica
CRA	1							
Sig. (2-tailed)								
Idate – Estado	-,134	1						
Sig. (2-tailed)	,055*							
Idate – Traco	-,076	,649***	1					
Sig. (2-tailed)	,281	,000						
Período	-,263***	-,055	-,144**	1				
Sig. (2-tailed)	,000	,432	,039					
Sexo (1=masc)	-,091	-,364***	-,293***	-,068	1			
Sig. (2-tailed)	,193	,000	,000	,332				
Idade	-,132*	-,158**	-,103	,382***	,183***	1		
Sig. (2-tailed)	,061	,024	,142	,000	,009			
Trabalho (1=sim)	-,110	,019	,039	,109	,118*	,260***	1	
Sig. (2-tailed)	,117	,782	,582	,119	,092	,000		
Atividade Acadêmica (1=sim)	,161**	,013	-,013	-,054	-,050	-,062	-,363***	1
Sig. (2-tailed)	,021	,851	,855	,441	,479	,377	,000	

*** Correlação é significativa ao nível de 0,01

** Correlação é significativa ao nível de 0,05

* Correlação é significativa ao nível de 0,10

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com a Tabela 1, foram identificadas relações entre o desempenho e algumas das variáveis analisadas na pesquisa. O período em curso apresentou correlação negativa com o CRA ao nível de 1%, ou seja, os alunos iniciantes tendem a possuir CRAs maiores do que os que estão mais próximos de concluir o curso.

Já a variável atividade acadêmica apresentou correlação positiva com o CRA ao nível de 5%, o que significa que os alunos que participam de PET, IC, Monitoria ou Empresa Júnior tendem a apresentar CRAs maiores.

Ao nível de 10% apareceram as variáveis idade com correlação negativa, ou seja, quanto mais velho o estudante, menor o desempenho; e a ansiedade (IDATE-Estado), ou seja, os alunos mais ansiosos no momento da prova tendem a apresentar menores CRAs. Todavia, a correlação com estas duas últimas variáveis foi fraca.

Apesar dos resultados da pesquisa apresentarem correlação significativa apenas ao nível de 10% entre o nível de ansiedade e o desempenho, estes achados corroboram estudos anteriores que identificaram a influência da ansiedade nos resultados acadêmicos, como o trabalho de Macher et al. (2011) em que estudantes com maiores estatísticas de ansiedade alcançaram menores resultados nos exames, e ainda apresentaram níveis maiores de procrastinação (o que também pode afetar o desempenho). Da mesma forma, Campbell (2007), em seu trabalho, encontrou influência da ansiedade no desempenho, pois foi detectado que a ansiedade gera preocupação nos alunos e eles passam a duvidar de sua capacidade.

A Tabela 2 também evidencia um coeficiente de correlação de 0,649, significativo ao nível de 1%, entre os dois tipos de ansiedade pesquisados (traço e estado). Isto significa que os alunos que são ansiosos no dia a dia tendem a ficar mais ansiosos que os demais nos momentos de avaliação. Essa correlação também foi identificada no trabalho de Soares e Martins (2010). Para Kaipper (2008), essa relação é natural já que o traço de ansiedade faz com que o indivíduo seja mais sensível aos estímulos e, conseqüentemente, mais reativo.

A Tabela 2 também mostra que os dois tipos de ansiedade apresentaram correlação negativa com o gênero masculino, ou seja, as mulheres são estatisticamente mais ansiosas que os homens. Diversos autores que fizeram pesquisas relacionadas à ansiedade encontraram essa mesma relação (SOARES; MARTINS, 2010; MACHER et al., 2011; OLIVEIRA; DUARTE, 2004). Segundo eles, essa diferença pode ser atribuída ao fato de a mulher ser biologicamente diferente do homem, além de desempenhar um papel diferente na sociedade.

O tipo de ansiedade IDATE-Estado apresentou correlação negativa, ao nível de 5% com idade, ou seja, os alunos mais jovens apresentaram índices maiores de ansiedade que os alunos mais velhos durante as avaliações. Em geral, os alunos mais jovens estão nos períodos iniciais, portanto estão mais expostos a novidades que os demais. Todavia, esta não é uma tendência apontada por estudos anteriores, e novas pesquisas poderão ser realizadas para verificar se a idade, de fato, está relacionada à ansiedade.

Por fim, a variável IDATE-Traço também apresentou correlação negativa com período (coerente com o comportamento da variável idade). Isso significa que, com o decorrer do curso, os níveis de ansiedade tendem a diminuir. Levando em consideração que a incerteza em relação ao futuro está entre os mais importantes componentes da ansiedade, espera-se que com o decorrer do curso o aluno diminua essa incerteza e, consequentemente, sua ansiedade (OLIVEIRA; DUARTE, 2004).

5 Considerações finais

Este trabalho objetivou verificar se existe correlação estatisticamente significativa entre ansiedade e desempenho acadêmico no curso de Ciências Contábeis de uma universidade pública brasileira.

Os resultados evidenciaram que a ansiedade-traço está significativamente correlacionada com a ansiedade-estado, demonstrando que quando o aluno apresenta altos níveis de ansiedade no seu dia a dia, em situações avaliativas esse nível fica ainda maior. A pesquisa também corroborou outros estudos da mesma temática, ao verificar que as mulheres apresentam maiores níveis de ansiedade que os homens (SOARES; MARTINS, 2010; MACHER et al., 2011; OLIVEIRA; DUARTE, 2004). Outra correlação significativa identificada foi entre os níveis de ansiedade-estado e a idade dos estudantes. De acordo com as análises, alunos mais novos mostraram-se mais ansiosos no momento de situações avaliativas do que os alunos mais velhos.

Foi identificado também que o desempenho acadêmico apresenta correlação significativa fraca (ao nível de 10%) com ansiedade estado, ou seja, o fato de o aluno ser ansioso no seu cotidiano tende a afetar seu rendimento acadêmico medido pelo CRA.

Conforme comprovado em estudos anteriores (D'AVILLA, 2003; SOARES; MARTINS, 2003; BARLOW, 1999), a ansiedade gera reações indesejadas no corpo, como dificuldade de concentração, brancos, inquietações e dores de cabeça, e estes efeitos no corpo causados pela ansiedade explicam sua influência sobre o desempenho dos alunos. Sendo assim, faz-se necessário estudar técnicas de redução dessa ansiedade, a fim de diminuir estes sintomas em contextos avaliativos e, consequentemente, seus efeitos negativos sobre o rendimento.

Como a correlação entre desempenho acadêmico e ansiedade foi significativamente fraca, ainda existe a opção de o aluno usá-la ao seu favor, já que em alguns casos ela pode ser usada como um estímulo para esforçar-se mais para alcançar resultados mais satisfatórios (HOLMES, 1997).

As principais limitações da pesquisa foram o fato de se restringir aos alunos de uma única IES a necessidade de autorização do aluno para o acesso as notas, pois alguns apresentaram

resistência em conceder essa autorização por se sentirem constrangidos com sua média ou por receio de serem julgados. Esse comportamento reduziu a amostra investigada.

Sugere-se que, em estudos futuros, sejam analisados quais os fatores geradores de ansiedade, e verificar se a ansiedade influencia no comportamento do aluno em sala de aula, bem como analisar a possibilidade de programar estratégias para redução dos níveis de ansiedade dos estudantes.

Referências

AMORIM-GAUDÊNCIO, C.; SIRGO, A. Ansiedade aos exames: um problema atual. **Psico**, v. 30, p. 75-80, 1999.

ANDRADE, L. H. S. G.; GORENSTEIN, C. Aspectos gerais das escalas de avaliação de ansiedade. **Revista de Psiquiatria Clínica**, 25, 285-290. 1998.

ANDRADE, L.; GENTIL FILHO, V.; LAURENTI, R.; LOLIO, C. Prevalence of Mental Disorders in an Epidemiological Catchment Area in the City of São Paulo, Brazil. **Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol**, p. 316–325, 1998.

BARLOW, D. H. **Manual Clínico dos Transtornos Psicológicos**. 2 ed. Tradução de Maria Regina Borges Osório. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Diretoria de Informações e Estatísticas Educacionais (INEP/SEEC). **Censo do Ensino Superior**, 2013. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censo_superior_2013.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2015.

BROWN, L. A. et al. Changes in self-efficacy and outcome expectancy as predictors of anxiety outcomes from the calm study. **Depression and Anxiety**, v. 31, p. 678–689, 2014.

CAMPBELL, M. M. Motivational Systems Theory And The Academic Performance Of College Students. **Journal of College Teaching & Learning (TLC)**, v. 4, n. 7, p. 11-23, jul. 2007. Disponível em: <<http://www.cluteinstitute.com/ojs/index.php/TLC/article/view/1561/1541>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

COSTA, E. R. da; BORUCHOVITCH, E. Compreendendo relações entre estratégias de aprendizagem e a ansiedade de alunos do ensino fundamental de campinas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 001, 2004. Disponível em: <<http://ceres.sarah.br/projeto5d/arquivos/ansiedade%20e%20dever%20de%20casa.pdf>>. Acesso em 29 mai. 2015.

D'AVILA, G. T. Vestibular: fatores geradores de ansiedade na “cena da prova. **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, dez. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 jun. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

HOLMES, D. S. **Psicologia dos Transtornos Mentais**. Tradução de Sandra Costa. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1997.

KAIPPER, M. B. **Avaliação do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) através da Análise Rasch**. 2008. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

KARINO, C. A. **Avaliação do efeito da ansiedade no desempenho em provas**. 2010. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações Instituto de Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília. 2010.

MARCHER, D. et al. Statistics anxiety, trait anxiety, learning behavior, and academic performance. **European Journal of Psychology of Education**, v. 27, p. 483-498, dez. 2011.

MELO CRUZ, C. et al. Ansiedade nos estudantes do ensino superior: um estudo com estudantes do 4º ano do curso de licenciatura em enfermagem da Escola Superior de Saúde de Viseu. **Revista Millenium**, 38/15. p 223-242. 2010.

MORESI, E. **Metodologia de Pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília-UCB, Pró-Reitoria de Pós Graduação – PRPG, 2003.

MUNHOZ, A. M. H. **Uma análise multidimensional da relação entre inteligência e desempenho acadêmico em universitários ingressantes**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

OLIVEIRA, K. L.; SANTOS, A. A. A. Compreensão de textos e desempenho acadêmico. **Psic: Vetor**, São Paulo, v. 7, p. 19-27, jun. 2006.

OLIVEIRA, M. A. de; DUARTE, A. M. M. Controle de respostas de ansiedade em universitários em situações de exposições orais. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 6, n. 2, dez. 2004. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452004000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 mai. 2015.

PELEIAS, I. R.; BACCI, J. Pequena cronologia do desenvolvimento contábil no Brasil: Os primeiros pensadores, a padronização contábil e os congressos brasileiros de contabilidade. **Revista Administração on line-FECAP**, v. 5, n. 3, p. 39-54, 2004. Disponível em <http://www.fecap.br/adm_online/art0503/art5034.pdf>. Acesso em 23 dez. 2015.

SERRA, A. S. V. O que é ansiedade? **Psiquiatria Clínica**, v. 1, n. 2, p. 93-104, 1980.

SOARES, A. B.; MARTINS, J. S. R. Ansiedade dos estudantes diante da expectativa do exame vestibular. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, p. 57-62, abr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2010000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 mai. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Perfil nacional dos graduandos**. Uberlândia. 2015. 138 p. Relatório. Disponível em:

<http://www.diase.ufu.br/sites/diase.ufu.br/files/Perfil_Graduando_UFU_%202014_RelatFinRe.pdf>. Acesso em 23 dez. 2015.

ANEXO 1

ANSIEDADE E DESEMPENHO ACADÊMICO: UM ESTUDO COM ALUNOS DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

A presente pesquisa possui o objetivo de analisar se existem relações estatisticamente significativas entre os níveis de ansiedade e o desempenho acadêmico dos alunos de Contabilidade. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida pela graduanda Clara Figueira dos Reis do curso de Ciências Contábeis/UFU, sob a orientação do Prof. Gilberto José Miranda. Informamos que o tempo médio para responder o questionário será de aproximadamente 8 minutos.

1ª Parte: Caracterização do Respondente

1) Nome:
2) Matrícula:
3) Período em curso: (
4) Gênero: (feminino (masculino
5) Idade? (Até 17 anos (de 17 a 20 anos (de 20 a 25 anos (acima de 25
6) Você trabalha ou faz estágio? (sim (não
7) Você participa de alguma atividade Acadêmica (PET, IC, Monitoria, Empresa Jr, etc.? (sim (não

2ª Parte:

Leia cada pergunta e faça um X em cima do número à direita da afirmação que melhor indicar **como você sente no momento de uma avaliação.**

Não gaste muito tempo numa única afirmação, mas tente dar uma resposta que mais se aproxime de como você se sente no momento de uma avaliação.

AVALIAÇÃO				
1 - Absolutamente não	2 - Um pouco	3 – Bastante	4 - MUITÍSSIMO	
01- Sinto-me calmo			1 2 3 4	
02- Sinto-me seguro			1 2 3 4	
03- Estou tenso			1 2 3 4	
04- Estou arrependido			1 2 3 4	
05- Sinto-me à vontade			1 2 3 4	
06- Sinto-me perturbado			1 2 3 4	
07- Estou preocupado com possíveis infortúnios			1 2 3 4	
08- Sinto-me descansado			1 2 3 4	
09- Sinto-me ansioso			1 2 3 4	
10- Sinto-me “em casa”			1 2 3 4	
11- Sinto-me confiante			1 2 3 4	
12- Sinto-me nervoso			1 2 3 4	
13- Estou agitado			1 2 3 4	
14- Sinto-me uma pilha de nervos			1 2 3 4	
15- Estou descontraído			1 2 3 4	
16- Sinto-me satisfeito			1 2 3 4	
17- Estou preocupado			1 2 3 4	
18- Sinto-me confuso			1 2 3 4	
19- Sinto-me alegre			1 2 3 4	
20- Sinto-me bem			1 2 3 4	

3ª Parte:

Leia cada pergunta e faça um X em cima do número à direita da afirmação que melhor indicar **como você geralmente se sente**.

Não gaste muito tempo numa única afirmação, mas tente dar uma resposta que mais se aproxime de como você se sente geralmente.

AVALIAÇÃO				
1 - Absolutamente não	2 - Um pouco	3 – Bastante	4 - MUITÍSSIMO	
01- Sinto-me bem			1 2 3 4	
02- Canso-me facilmente			1 2 3 4	
03- Tenho vontade de chorar			1 2 3 4	
04- Gostaria de poder ser tão feliz quanto os outros parecem ser			1 2 3 4	
05- Perco oportunidades porque não consigo tomar decisões			1 2 3 4	
06- Sinto-me descansado			1 2 3 4	
07- Sou calmo, ponderado e senhor de mim mesmo			1 2 3 4	
08- Sinto que as dificuldades estão se acumulando de tal forma que não consigo resolver			1 2 3 4	
09- Preocupo-me demais com coisas sem importância			1 2 3 4	
10- Sou feliz			1 2 3 4	
11- Deixo-me afetar muito pelas coisas			1 2 3 4	
12- Não tenho muita confiança em mim mesmo			1 2 3 4	
13- Sinto-me seguro			1 2 3 4	
14- Evito ter que enfrentar crises ou problemas			1 2 3 4	
15- Sinto-me deprimido			1 2 3 4	
16- Estou satisfeito			1 2 3 4	
17- Ideias sem importância me entram na cabeça e ficam me preocupando			1 2 3 4	
18- Levo os desapontamentos tão a sério que não consigo tirá-los da cabeça			1 2 3 4	
19- Sou uma pessoa estável			1 2 3 4	
20- Fico tenso e perturbado quando penso em meus problemas do momento			1 2 3 4	

Eu _____ matrícula: _____
autorizo a consulta ao meu histórico escolar para fins de análise dos dados da presente pesquisa.

Assinatura do aluno

Caso queira receber os resultados da pesquisa informe seu e-mail:
